



AGEM SERTANEJA J. BORGES



ACERVO CULTURAL DA
BIBLIOTECA CENTRAL UNIFOR

EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidente

Lenise Queiroz Rocha

Vice-Presidente

Manoela Queiroz Bacelar

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Reitor

Randal Martins Pompeu

Vice-Reitora de Ensino de Graduação e Pós-Graduação

Katherinne Maciel

Vice-Reitor de Pesquisa

Afonso Carneiro Lima

Vice-Reitora de Extensão e Comunidade Universitária

Adriana Helena Moreira

Vice-Reitor de Administração

José Maria Gondim

Diretora de Comunicação, Marketing e Comercial

Ana Quezado

Diretor de Planejamento

Marcelo Nogueira Magalhães

Diretor de Tecnologia

Adriano Honorato

Diretora de Relações Internacionais

Gina Vidal Marcílio Pompeu

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão

Danielle Batista Coimbra

Diretora do Centro de Ciências da Saúde

Lia Maria Brasil de Souza Barroso

Diretora do Centro de Ciências Jurídicas

Juliana Maria Borges Mamede

Diretor do Centro de Ciências Tecnológicas

Jackson Sávio de Vasconcelos Silva

Diretor de Pós-Graduação

Marcos James Chaves Bessa

BIBLIOTECA CENTRAL**Gerente da Biblioteca Central**

Leonilha Maria Brasileiro Lessa

Idealização**Bibliotecárias do Setor de Apoio ao Ensino e à Cultura**

Dayanne Araújo

Eduarda Bernardino

Projeto Gráfico e Diagramação**Auxiliar de Serviços Bibliotecários**

Gabrielle Barreto



ACERVO CULTURAL DA BIBLIOTECA CENTRAL UNIFOR

O acervo cultural da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza reúne um panorama diversificado de produções e saberes, servindo como um pilar fundamental para a pesquisa e o desenvolvimento cultural da comunidade.



CORDELTECA MARIA DAS NEVES BAPTISTA PIMENTEL

Conheça a riqueza da literatura de cordel e suas manifestações artísticas.

[SOBRE](#)[ARTIGOS](#)[VÍDEOS](#)

COLEÇÃO RACHEL DE QUEIROZ

Conheça o legado literário da autora cearense através da sua coleção pessoal com obras, documentos e objetos.

[SOBRE](#)[ARTIGOS](#)[VÍDEOS](#)

COLEÇÃO DIÁRIO DO NORDESTE

Conheça os registros de décadas de acontecimentos, oferecendo um amplo panorama informativo e histórico.

[SOBRE](#)

CORDELTECA MARIA DAS NEVES BAPTISTA PIMENTEL

Inaugurada em 2019, a Cordelteca Maria das Neves Baptista Pimentel, da Universidade de Fortaleza, é dedicada à preservação das manifestações histórico-culturais presentes na literatura de cordel. Idealizada pela professora Paola Tôres em parceria com a Biblioteca Central e com apoio da Vice-Reitoria de Extensão, nasceu alinhada ao reconhecimento da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2018.

O espaço homenageia Maria das Neves Baptista Pimentel, a primeira mulher a publicar um folheto de cordel no Brasil, em 1938, uma reparação simbólica ao apagamento histórico das produções femininas nesse campo.

Desde sua inauguração, mais de 20 mil visitantes já passaram pelo espaço, que recebe leitores individuais, grupos e escolas em visitas mediadas. Além da consulta local ao acervo, a Biblioteca Central disponibiliza alguns exemplares para empréstimo à comunidade acadêmica.

Acervo

São 1.987 títulos e 3.883 exemplares disponíveis para consulta local.

O que compõe o acervo?

Folhetos e livros de cordel, contemplando temas tradicionais:

- Narrativas sobre Lampião;
- Padre Cícero;
- Lendas e religiosidade;
- Relações sociais.

Obras sobre temas contemporâneos:

- Direito;
- Ciência;
- Política;
- Lei Maria da Penha;
- Questões sociais atuais.

Matrizes originais de xilogravura de J. Borges e de outros xilogravadores presentes nas capas dos folhetos:

- Antônio Lino;
- Walderedo Gonçalves;
- Abraão Batista;
- Stênio Diniz;
- Francorli;
- José Lourenço;
- João Pedro Neto.

Instrumentos históricos

- Rabeca de cabeça feita pelo Mestre Salustiano, na década de 1970, doada pela professora e poeta Paola Torres;
- Rabeca de cabeça feita pelo Mestre Difreitas, em Juazeiro do Norte, doada pela professora e poeta Paola Torres;
- Berimbau viola.

O tratamento técnico especializado e a preservação cuidadosa desse material naturalmente frágil garantem a sua conservação.

Ações culturais

- **Clube de Leitura Balaio**, iniciativa de mediação da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza, com encontros periódicos para debater obras consagradas e contemporâneas;
- **Unifor Book Brunch**, realização do Núcleo de Estratégias Internacionais (NEI), em parceria com a Gerência de Recursos Humanos (GRH) e a Biblioteca Central. Propõe a prática da língua inglesa a partir da literatura;
- **Sarau de Cordéis sobre Plantas Mediciniais**, com apresentações de estudantes da disciplina Plantas Mediciniais e Bioativos, sob coordenação da professora Fabiana Pereira Soares;
- Aulas e encontros formativos;
- Visitas guiadas espontâneas ou por agendamento;
- **“Homenagem Cordel Brasileiro”**: entrega do Troféu Cordel Brasileiro a nomes de destaque da literatura popular nordestina. A iniciativa reconhece trajetórias que fortalecem o cordel como patrimônio cultural e expressão viva da tradição nordestina.
 - Homenageados (2020—2025):
 - 2020 - Gonçalo Ferreira da Silva;
 - 2021 - Josenir Amorim Alves de Lacerda;
 - 2022 - Dalinha Catunda;
 - 2023 - Bastinha Job;
 - 2024 - Paola Tôrres;
 - 2025 - Geraldo Amâncio Pereira.

Informações gerais

O espaço funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 21h. E aos sábados, das 8h às 13h, com atendimento aberto a toda a comunidade.



COLEÇÃO RACHEL DE QUEIROZ

A Coleção Rachel de Queiroz chegou à Unifor em 2017, por intermédio do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Após uma década sob a salvaguarda da instituição, o acervo retornou definitivamente ao Ceará, estado natal da escritora. Com a transferência, o Ceará passou a reunir a totalidade do acervo da autora.

Após o falecimento de Rachel de Queiroz, em 2003, parte de seu acervo pessoal, incluindo livros e exemplares de suas próprias obras, foi doada pela família ao bibliófilo José Augusto Bezerra, ex-presidente da Academia Cearense de Letras. O acervo, portanto, foi distribuído entre o Museu Rachel de Queiroz, em Quixadá, a coleção doada ao bibliófilo e a parte adquirida pelo Instituto Moreira Salles.

Com a chegada à Universidade, todo o material foi conferido e submetido a um processo de higienização, que passou a ser realizado anualmente como medida de preservação. Atualmente, a coleção encontra-se organizada por categorias, o que facilita sua apresentação aos visitantes e pesquisadores. São 24 armários que acondicionam as obras, dispostas de forma sistematizada, garantindo tanto a preservação quanto a acessibilidade do acervo.

Acervo

São 2.669 títulos e 2.893 exemplares disponíveis para consulta local.

O que compõe o acervo?

As obras contemplam e estão organizadas nas seguintes categorias:

- Obras traduzidas pela Rachel de Queiroz;
- Obras autorais;
- Obras com dedicatória;
- Obras gerais;
- Jornais e revistas.

Além do material bibliográfico, o acervo conta com um dos vestidos da escritora, em exposição, doado pelo advogado José Luís Lira à Fundação Edson Queiroz.

Assim como na Cordelteca, o tratamento técnico especializado e a preservação cuidadosa garantem a conservação e a integridade desses materiais.

Ações culturais

- A Coleção Rachel de Queiroz e a Cordelteca Maria das Neves Baptista Pimentel partilham o mesmo espaço e portanto recebem em conjunto rodas de conversa, clubes de leitura, formação e mediação por meio de visitas guiadas, aulas e encontros formativos;
- **Ícones culturais e realidade aumentada:**
 - Uma experiência imersiva em 3D com personalidades e personagens marcantes da cultura cearense, como Rachel de Queiroz, José de Alencar, Iracema, Dragão do Mar e a tradicional rendeira, símbolo do artesanato regional.
- Aniversário de Rachel de Queiroz: homenagem anual que celebra a riqueza da literatura regional.

Informações gerais

O espaço funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 21h. E aos sábados, das 8h às 13h, com atendimento aberto a toda a comunidade.



COLEÇÃO DIÁRIO DO NORDESTE

Fundado em 1981 por Edson Queiroz, por meio da Editora Verdes Mares, o Diário do Nordeste consolidou-se como um dos principais jornais de Fortaleza e da região Nordeste, destacando-se pela cobertura de temas locais, regionais e nacionais, além de conteúdos de economia, esportes, cultura e entretenimento. Ao longo de sua trajetória, manteve compromisso com a qualidade jornalística e a inovação, passando a operar exclusivamente no formato digital a partir de 2021, após encerrar sua edição impressa.

A Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza preserva a coleção completa das edições impressas do jornal, incluindo materiais suplementares, contribuindo para a memória cultural e informacional. Parte desse acervo também está disponível na Biblioteca Pública Estadual do Ceará, ainda que com lacunas, enquanto o Setor de Pesquisa e Arquivo do próprio jornal mantém a coleção integral digitalizada para consulta interna.

Acervo

- 939 encadernações;
- 13.929 fascículos.

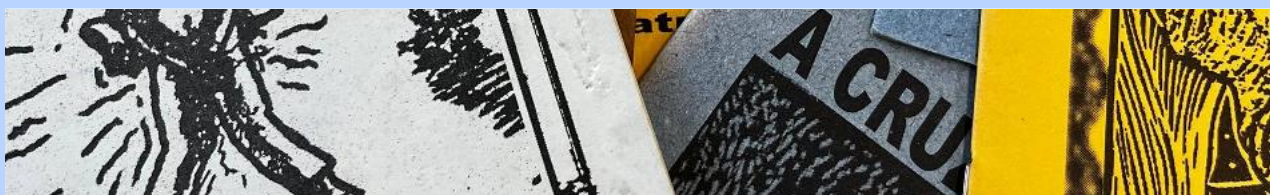
O que compõe o acervo?

Cobertura abrangente de notícias locais, regionais e nacionais, além de seções dedicadas à economia, esportes, cultura e entretenimento.

- Abrangência temporal de 19 de dezembro de 1981 até 28 de fevereiro de 2021.

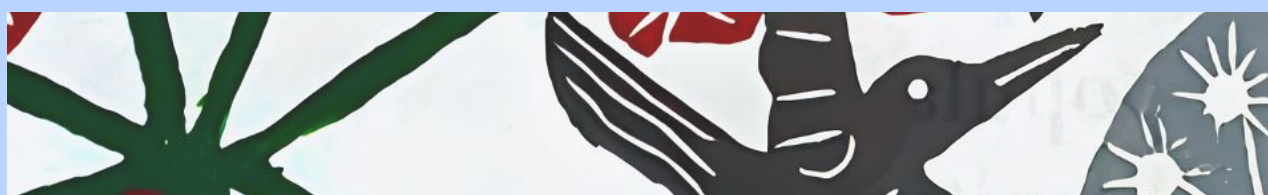
Além disso, o acervo também contempla publicações como o “Nossa Vez” e o “Jornal da Rua”, também pela Editora Verdes Mares.

CORDELTECA MARIA DAS NEVES BAPTISTA PIMENTEL



A história da Literatura de Cordel nordestina

LER



A arte da xilogravura nordestina

LER



As capas dos folhetos

LER



Mulheres na cultura popular: invisibilidades e resistências

LER

MENU

COLEÇÃO RACHEL DE QUEIROZ



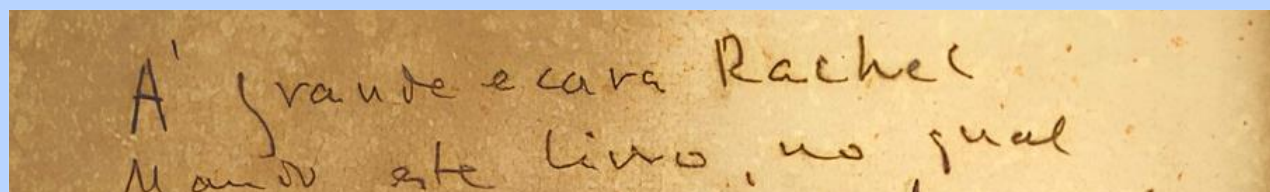
Quem foi Rachel de Queiroz?

LER



Obras de Rachel de Queiroz

LER



Dedicatórias de grandes escritores para Rachel de Queiroz

LER

MENU

A HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL NORDESTINA



Fonte: Acervo próprio.

Diferentemente dos cantadores, que dependiam do apoio de fazendeiros e eventos para sobreviver, os cordelistas passaram a conquistar relativa autonomia financeira por meio da venda de folhetos impressos a baixo custo. Não foi apenas uma mudança técnica, mas uma transformação estrutural na produção cultural nordestina².

Informação para o povo

Em um contexto marcado por restrições ao acesso à educação formal e aos meios de comunicação, o cordel tornou-se uma das principais fontes de informação, narrando temas como a seca e o retirante; o cangaço; questões políticas; impostos e dificuldades econômicas; conflitos sociais; fatos históricos e acontecimentos contemporâneos³.

No sertão, os folhetos eram lidos em voz alta em reuniões familiares e saraus. Nas cidades, funcionavam como denúncia social e instrumento de crítica².

O cordel transitava entre oralidade e escrita: mesmo entre públicos analfabetos, a leitura coletiva, a musicalidade dos versos e a métrica favoreciam a memorização e a circulação das histórias^{2, 4}.

A Literatura de Cordel se consolidou no Nordeste brasileiro em um período de intensas transformações sociais e políticas. Herdeira direta da cantoria e do repente, nasceu da tradição oral e se fortaleceu com a poesia popular impressa¹.

Como observa o pesquisador Diegues Júnior, fatores como a organização patriarcal da sociedade, o surgimento de movimentos messiânicos, o cangaço, as secas periódicas e os conflitos familiares criaram o cenário propício para o florescimento dessa expressão cultural¹.

Diferentemente dos cantadores, que depen-



Fonte: Acervo próprio.

Autonomia editorial



Fonte: Tavares (2011).

No século XIX, os folhetos eram impressos em tipografias de jornais ou oficinas gerais. Com o tempo, os próprios poetas passaram a adquirir prelos (pequenas máquinas impressoras), assumindo também o papel de editores^{2, 4-7}.

Essa autonomia consolidou o cordel como um sistema articulado de produção e circulação cultural.

A comercialização ocorria de diversas formas: por venda direta nas ruas, feiras, botequins e residências dos autores, e distribuição por revendedores e pelos Correios. Assim, o cordel alcançava tanto o sertão quanto os centros urbanos.

Pioneiros da literatura popular impressa

No século XIX, em Pernambuco, o cordel consolidou-se como o conhecemos hoje.

Leandro Gomes de Barros

Considerado um dos pioneiros da literatura popular impressa, começou a escrever em 1889 e a imprimir seus folhetos em 1893. Publicou mais de quinhentas obras, abordando temas como seca, política, sátiras sociais e acontecimentos da época^{2, 4-7}.



Fonte: Acervo próprio.

Francisco das Chagas Batista

Fundador da Tipografia Popular Editora (1913), ampliou a produção e circulação dos folhetos. Além de poeta, atuou como editor e livreiro, expandindo a comercialização para outros estados. Sua trajetória influenciou diretamente sua filha, Maria das Neves Baptista Pimentel, reconhecida como a primeira mulher a publicar um folheto de cordel^{2, 4, 6, 8}.

João Melchades

Diferenciou-se por ser também cantador e por abordar temas históricos, como a Guerra de Canudos, além de pelejas e romances^{2, 6}.



Fonte: Acervo próprio.

João Martins de Athayde



Fonte: Acervo próprio.

Publicou seu primeiro folheto em 1908 e tornou-se um dos primeiros poetas a possuir tipografia própria. Representa um marco na profissionalização e sistematização da produção editorial do cordel^{2, 4, 6}.

Maria das Neves Baptista Pimentel

Filha de Chagas Batista, cresceu em um ambiente permeado pela literatura de cordel e adaptações de grandes clássicos, contexto que influenciou diretamente sua produção como cordelista. Para garantir que suas histórias chegassem ao público, utilizava o pseudônimo do marido, Altino Alagoano, ocultando sua identidade em um universo literário dominado por homens⁸. Foi a primeira mulher a publicar um folheto de cordel.

Em 1938, oficializou sua entrada na literatura de cordel com a obra “O violino do diabo ou O valor da honestidade”⁸. Em 2023, a obra foi reeditada, passando a contar com prefácio da Profa. Dra. Paôla Tôres, médica e cordelista, e texto explicativo da Profa. Dra. Ria Lemaire, pesquisadora da literatura de cordel, dos estudos de gênero e das tradições orais. Destacou-se também pelas adaptações de clássicos universais, como O Corcunda de Notre-Dame, de Victor Hugo, com linguagem popular e acessível.



Fonte: Acervo próprio.

Reconhecimento e resistência

Ao longo de sua trajetória, o cordel enfrentou preconceitos sociais e culturais. Ainda assim, consolidou-se como um dos principais instrumentos de mediação cultural do Nordeste. Mais do que manifestação artística, constitui um sistema complexo de produção, circulação e representação da informação, articulando tradição oral, técnica gráfica, crítica social e empreendimento editorial. Esse percurso culminou no reconhecimento da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2018⁴.

A ARTE DA XILOGRAVURA NORDESTINA

Expressão gráfica que narra o Nordeste

Entre os elementos que compõem o universo do cordel, a xilogravura ocupa lugar de destaque. Mais do que ilustração, ela é uma das expressões gráficas mais significativas da cultura popular brasileira^{4, 9, 10}.

Produzida a partir do entalhe em placas de madeira, a imagem é impressa em alto relevo sobre o papel. Inicialmente, sua adoção esteve ligada ao barateamento e à agilidade do processo editorial dos folhetos. Com o tempo, tornou-se marca registrada da literatura de cordel e símbolo da identidade nordestina^{4, 9, 10}.

A xilogravura não apenas ilustra: ela documenta modos de vida, crenças, conflitos e imaginários coletivos.



Fonte: Acervo próprio.

Das tipografias ao improviso criativo

A consolidação da xilogravura no Nordeste está diretamente ligada ao reaproveitamento de maquinarias gráficas descartadas pelos grandes centros urbanos^{9, 10}.

Diante das limitações técnicas e da necessidade de manter a circulação dos impressos, artesãos passaram a improvisar soluções. A madeira entalhada tornou-se alternativa eficiente diante da demora na chegada de clichês de zinco vindos de cidades como Recife e Fortaleza^{9, 10}.

Inicialmente, a técnica teve caráter utilitário: aparecia em cabeçalhos de jornais e charges políticas. Esse uso prático foi fundamental para sua posterior maturidade estética nas capas de cordel⁹.



Fonte: Acervo próprio.

Juazeiro e Caruaru: polos da xilogravura

A técnica encontrou terreno fértil especialmente em dois centros nordestinos:

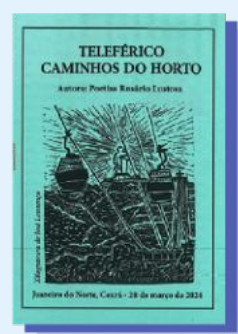
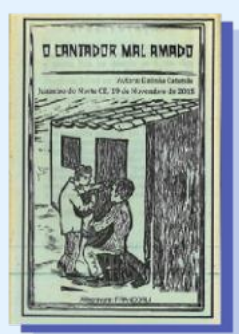
Juazeiro do Norte

Em torno da Tipografia Lira Nordestina, destacou-se o trabalho de José Bernardo da Silva, responsável por impulsionar a produção ao adquirir o acervo de João Martins de Athayde^{9, 10}.

Com a alta demanda por capas e a dificuldade de obter matrizes metálicas, a madeira entalhada passou a ser uma solução rápida e acessível^{9, 10}.

Na chamada Escola de Juazeiro, predominam traços minuciosos e integração entre figura e fundo¹⁰. Entre seus representantes estão:

- Antônio Lino,
- Walderedo Gonçalves;
- Abraão Batista,
- Stênio Diniz,
- Francorli,
- José Lourenço,
- João Pedro Neto.

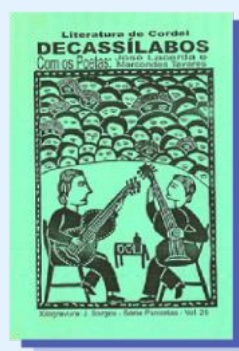
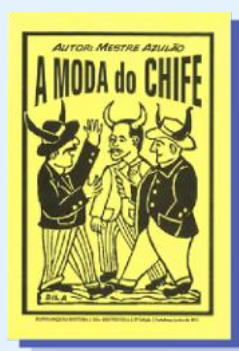


Fonte: Acervo próprio.

Caruaru

Outro importante polo foi Caruaru, também centro de romarias e efervescência cultural. A chamada Escola de Caruaru apresenta traços mais simplificados, com figuras centrais destacadas do plano de fundo¹⁰. Entre seus principais nomes estão:

- Dila,
- J. Borges,
- José Costa Leite,
- Francisco Amaro,
- J. Miguel,
- Givanildo,
- Joel,
- Severino Borges.



Fonte: Acervo próprio.

Embora esteticamente distintas, ambas as escolas retratam o mesmo universo simbólico: o sertão, o sagrado e o profano, o cangaceiro e o beato, a luta e a esperança do povo nordestino.

Da função utilitária ao reconhecimento artístico

A partir da década de 1960, a xilogravura passa por um deslocamento importante. Universidades e instituições culturais começam a reconhecê-la como expressão artística autônoma⁹⁻¹¹.

Surgem álbuns e coleções assinadas. A técnica deixa de ser apenas capa de folheto e passa a circular como obra de arte⁹⁻¹¹.

Com isso, emerge também a questão da autoria, e com ela, as desigualdades de gênero presentes nesse universo⁹⁻¹¹.

Mulheres xilogravadoras: invisibilização

Apesar da forte presença feminina na produção, muitas mulheres não tiveram suas assinaturas reconhecidas.

Maria Iraci Brito da Silva

Companheira de Antônio Lino, participou ativamente da produção das matrizes na Tipografia Lira Nordestina. Apesar da colaboração efetiva, a autoria pública permanecia atribuída apenas ao marido. Essas trajetórias revelam que a produção da xilogravura frequentemente envolvia trabalho compartilhado, mas a assinatura, símbolo de reconhecimento, era masculina⁹.

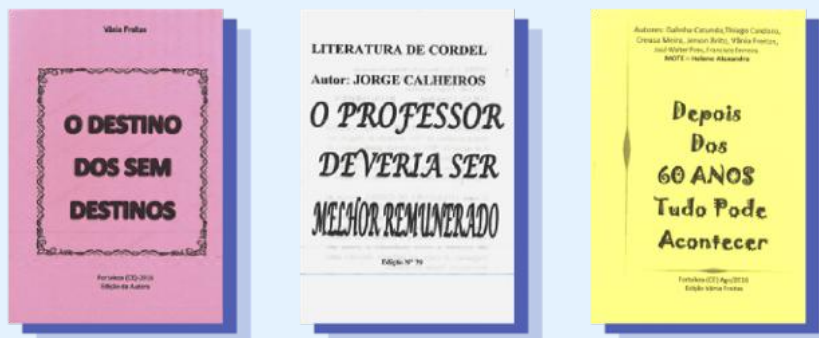
Graciele Correia Borges

Conhecida como Nena, iniciou sua atuação na década de 1970, trabalhando em parceria com o companheiro Francisco Amaro Borges. Muitas vezes, o processo era compartilhado: ele desenhava, ela entalhava, mas apenas ele assinava. Com o tempo, passou a produzir e assinar suas próprias obras^{10, 12}.

AS CAPAS DOS FOLHETOS

Folhetos sem capa

Nos primórdios da literatura de cordel impressa, os folhetos não possuíam ilustrações, apresentavam apenas informações técnicas: título, autor, editora, e às vezes preço e local de distribuição. Por essas características, eram chamados de “folhetos sem capa” ou “folhetos de capa cega”^{4, 13}.



Fonte: Acervo próprio.

Transição para a ilustração

Em um período de transição, as capas passaram a apresentar desenhos populares, frequentemente produzidos em litogravura ou zincogravura^{4, 10, 13}:

- **Litogravura** — reproduzida a partir de uma matriz de pedra calcária, com lápis gorduroso.
- **Zincogravura** — produzida em relevos sobre placas de zinco. Frequentemente, apresentavam cartões postais de atores e atrizes de cinema, trazendo referências da cultura urbana as capas dos folhetos



Fonte: Acervo próprio.

Essas técnicas trouxeram maior expressividade às capas, mas ainda apresentavam custos elevados e produção mais lenta^{4, 10, 13}.

A chegada da xilogravura

A técnica da xilogravura revolucionou a produção editorial dos folhetos. Com imagens entalhadas em placas de madeira, a xilogravura permitiu^{4, 10, 13}:

- Reduzir custos de produção;
- Produzir ilustrações rapidamente;
- Garantir traços únicos e expressivos.

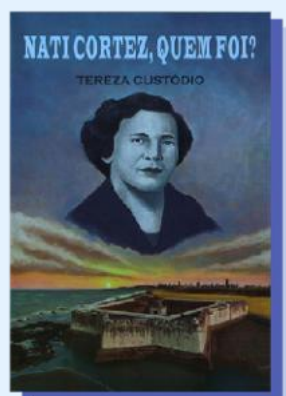
Com o tempo, a xilogravura não apenas se consolidou como marca registrada do cordel, mas também se desvinculou do folheto, sendo reconhecida como expressão artística e representação da identidade nordestina^{4, 9-11}.



Fonte: Acervo próprio.

Outros tipos de capas

Digitais



Fotografia



Fonte: Acervo próprio.

MULHERES NA CULTURA POPULAR: INVISIBILIDADES E RESISTÊNCIAS

Quem pôde assinar a história?

As trajetórias de Nena e Iraci, na xilogravura, não são casos isolados. Elas revelam uma lógica mais ampla na cultura popular nordestina: a divisão sexual do trabalho também atravessou a produção literária e gráfica do cordel.

Se a literatura de cordel se consolidou como um sistema articulado de produção, circulação e reconhecimento cultural, é preciso reconhecer que esse sistema também operou mecanismos seletivos de autoria e visibilidade.

A pergunta que atravessa essa história é direta: quem pôde publicar, assinar e ser lembrado?

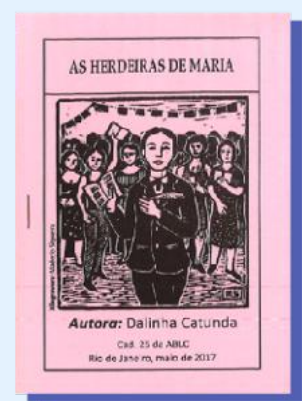
Antes do folheto impresso

A presença feminina na cultura popular é antiga. Muito antes da consolidação do folheto impresso, mulheres já atuavam na poesia cantada, o repente, expressão que influenciou diretamente o cordel. Entre essas vozes estão^{14, 15}:

- Chica Barbosa,
- Maria do Riachão,
- Rita Medeiros.

No século XX, surgem outras figuras importantes, como:

- Maria Pangula,
- Zefinha Anselmo,
- Teresina Tietre,
- Otilia Soares,
- Zefinha do Chambocão,
- Maria das Dores.



Fonte: Acervo próprio.

Apesar disso, as publicações impressas permaneceram majoritariamente masculinas.

Mulheres na produção do cordel

Mesmo quando não assinavam os folhetos, muitas mulheres participaram ativamente da produção: na confecção, na impressão, na organização das tipografias e na circulação das obras. Algumas romperam a barreira da invisibilidade, ainda que sob pseudônimos masculinos.

É o caso de Maria das Neves Baptista Pimentel, que publicou utilizando o nome do companheiro, Altino Alagoano. Outra figura relevante é Maria Athayde, que escreveu folhetos e ilustrou capas na tipografia de seu pai, João Martins de Athayde^{8, 14, 15}.

Novas vozes, novas pautas

A partir dessas precursoras, outras cordelistas e xilogravadoras ampliaram o campo de atuação feminina^{14, 15}:

- Izabel de Oliveira Galvão,
- Josefa Maria dos Anjos,
- Adélia Carvalho,
- Zaira Dantas,
- Ana Pádua,
- Josenira Fraga,
- Maria Soledade,
- Yonne Rabelo,
- Nireuda Longobardi,
- Graziela Barduco,
- Kelmara Castro,
- Paola Tôrres.

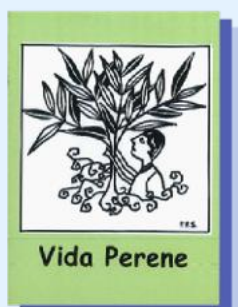
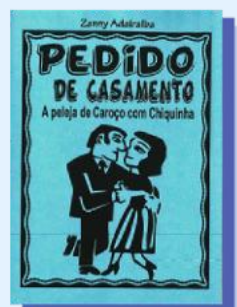
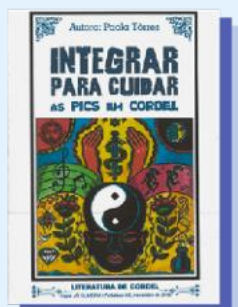
Em 1991, a fundação da Academia dos Cordelistas do Crato marcou a presença feminina com poetas como Sebastiana Job e Josenir Lacerda. Nos anos 2000, a criação da Sociedade dos Cordelistas Malditos trouxe temáticas como gênero, ecologia e crítica social, com participação de autoras como Salete Maria, Fanka Santos, Jô Andrade, Regilene Stefani e Eliane^{14, 15}.



Fonte: Acervo próprio.

Entre apagamentos e permanências

A história das mulheres no cordel não é uma história de ausência, mas de invisibilização. Elas estiveram presentes desde a oralidade até a impressão, da organização doméstica à produção editorial. Reconhecer essas trajetórias é também ampliar a compreensão da literatura de cordel como patrimônio cultural vivo, diverso e em constante reinvenção.



Fonte: Acervo próprio.

MENU

QUEM FOI RACHEL DE QUEIROZ?



Fonte: Acervo IMS.

Rachel de Queiroz (1910-2003) nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, no dia 17 de novembro de 1910. Filha de Daniel de Queiroz Lima e Clotilde Franklin de Queiroz, era descendente, pelo lado materno, da família do escritor José de Alencar^{16, 17}.

Durante a infância, vivenciou diretamente um dos fenômenos que marcariam profundamente sua obra literária: a seca no Nordeste. Em 1917, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, fugindo das consequências da grande estiagem que atingia a região desde 1915. Posteriormente, seguiram para Belém do Pará, onde permaneceram por dois anos¹⁸.

A experiência da migração forçada, provocada pela seca, tornou-se anos depois a base temática de seu primeiro romance, “O Quinze”, uma das obras mais importantes da literatura regionalista brasileira¹⁸.

De volta a Fortaleza, Rachel ingressou no Colégio Imaculada Conceição e formou-se professora em 1925¹⁹.

Início no jornalismo

A trajetória literária de Rachel começou no jornalismo. Em 1927, aos dezessete anos, publicou no jornal O Ceará uma carta assinada com o pseudônimo Rita de Queluz, na qual ironizava o concurso “Rainha dos Estudantes”. O texto chamou atenção pela crítica bem-humorada e pela segurança de estilo, marcando sua estreia na imprensa^{19, 20}.

Esse primeiro contato com o jornalismo se tornaria uma atividade constante ao longo de toda a sua vida.



Crônica escrita para a revista O Cruzeiro de 4 de outubro de 1958.

Fonte: Acervo próprio.

A consagração com “O Quinze”

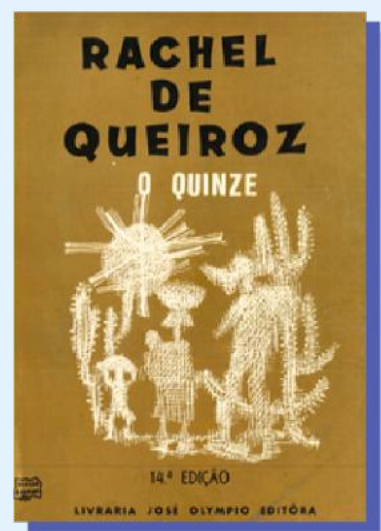
Em 1930, com apenas dezenove anos, Rachel de Queiroz publicou “O Quinze”, romance que a projetou nacionalmente. A obra retrata, de forma profundamente realista, os efeitos devastadores da seca de 1915 sobre a população sertaneja. O livro apresenta a luta cotidiana de famílias nordestinas contra a fome, a miséria e o deslocamento forçado, tornando-se um marco do romance social brasileiro¹⁹.

A primeira edição teve apenas mil exemplares, mas o impacto literário foi imediato. Em 1931, Rachel recebeu o Prêmio da Fundação Graça Aranha, consolidando sua posição entre os novos nomes da literatura nacional²¹.

Produção literária

Após o sucesso de “O Quinze”, Rachel continuou publicando romances que dialogavam com questões sociais e humanas. Entre suas principais obras estão¹⁹:

- João Miguel (1932),
- Caminho de Pedras (1937),
- As Três Marias (1939) - obra premiada pela Sociedade Felipe d'Oliveira.



Fonte: Acervo próprio.

A partir de 1939, vivendo no Rio de Janeiro, colaborou com importantes veículos de imprensa, como o Diário de Notícias, a revista O Cruzeiro e O Jornal. Ao longo da carreira, escreveu mais de duas mil crônicas, muitas delas reunidas posteriormente em livros, entre os quais^{16, 17, 19}:

- A Donzela e a Moura Torta,
- 100 Crônicas Escolhidas,
- O Brasileiro Perplexo,
- O Caçador de Tatu,
- Cenas Brasileiras.

Teatro, literatura infantil e outras atividades

Rachel também atuou em outros gêneros literários. No teatro, escreveu¹⁶:

- Lampião (1953),
- A Beata Maria do Egito (1958), peça premiada pelo Instituto Nacional do Livro.

Na literatura infantil, publicou O Menino Mágico, obra que nasceu das histórias que inventava para seus netos, posteriormente reunidas em livro a pedido da escritora e dramaturga Lúcia Benedetti^{16, 17, 19}.

Outro trabalho importante de Rachel foi o de tradutora. Ela verteu para o português mais de quarenta obras estrangeiras. Durante o período da ditadura militar no Brasil, dedicou-se intensamente a esse trabalho, em um contexto marcado pela censura e pela repressão aos escritores^{16, 17, 19}.

Rachel traduzia textos do inglês e do francês. Para traduzir obras russas com maior fidelidade ao original, contou com o auxílio de uma professora de língua russa que acompanhava o processo de tradução^{16, 17, 19}.

Vida pública e reconhecimento

Rachel de Queiroz também teve participação ativa na vida cultural e institucional do país. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Ceará e participou da 21ª Assembleia Geral da ONU, em 1966, como delegada brasileira, atuando especialmente na Comissão de Direitos Humanos^{16, 17}.

Também integrou o Conselho Federal de Cultura, desde sua fundação em 1967 até sua extinção, em 1989^{16, 17}.

Em 1977, tornou-se a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 5. A escritora também foi membro da Academia Cearense de Letras, além de sócia honorária de outras instituições culturais^{16, 17}.



Fonte: Acervo ABL/Divulgação

Reconhecimento internacional

Em 1985, Rachel recebeu uma homenagem singular fora do Brasil. Foi inaugurada em Ramat-Gan, na região de Tel Aviv, em Israel, a creche Casa de Rachel de Queiroz, tornando-a a única escritora brasileira a receber tal homenagem naquele país²².

Últimos anos

Até os últimos anos de vida, Rachel manteve intensa atividade jornalística. Colaborou semanalmente com o jornal O Povo, de Fortaleza, e, a partir de 1988, passou a publicar textos também em O Estado de São Paulo e no Diário de Pernambuco. Rachel de Queiroz faleceu no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 2003, vítima de um ataque cardíaco²³.

Sua obra permanece como uma das mais importantes da literatura brasileira do século XX, especialmente pela forma como retratou a realidade social do Nordeste e a experiência humana diante da seca, das migrações e das transformações do país¹⁹.

OBRAS DE RACHEL DE QUEIROZ

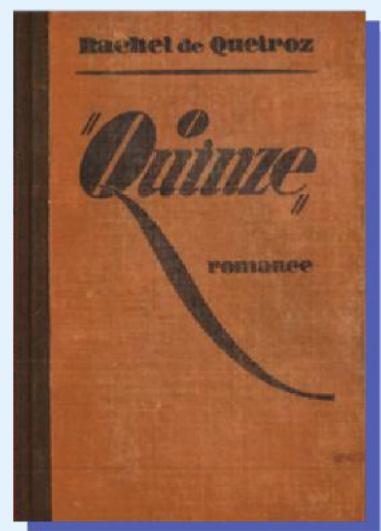
A produção literária de Rachel de Queiroz é marcada por forte sensibilidade social e pela observação da realidade brasileira, especialmente do Nordeste. Em seus romances, contos e crônicas, a autora retrata temas como a seca, as transformações sociais, os conflitos humanos e o papel da mulher na sociedade¹⁹.

O Quinze (1930)

Primeiro romance de Rachel de Queiroz, “O Quinze” tornou-se um marco da literatura regionalista brasileira. A obra retrata os efeitos devastadores da seca de 1915 sobre a população sertaneja.

A narrativa apresenta dois pontos de vista distintos. De um lado, Conceição, jovem professora que vive em condições mais confortáveis e representa uma mulher independente, que busca realizar seus próprios sonhos e questiona os limites impostos pela sociedade patriarcal. Apaixonada por seu primo Vicente, acaba abrindo mão desse amor ao perceber as diferenças entre suas visões de mundo.

De outro lado está Chico Bento, retirante que, junto com sua esposa Cordulina e seus cinco filhos, enfrenta a dura realidade da fome e da migração forçada. A família é obrigada a abandonar o sertão em busca de sobrevivência, mas mantém viva a esperança de dias melhores.



Fonte: Acervo próprio.

CURIOSIDADE

Rachel escreveu o romance aos 19 anos, inspirada pelas histórias que ouviu sobre a seca de 1915, vivida por sua própria família¹⁹.

Outras edições de O Quinze disponíveis na Biblioteca Unifor



Edição em japonês publicada em 1976.

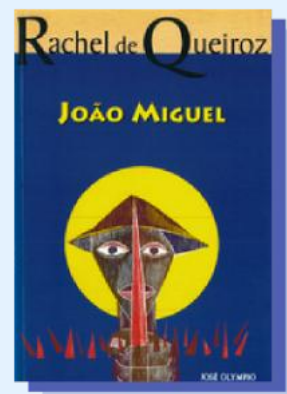


Edição da Confraria dos Bibliófilos do Brasil publicada em 1995.

João Miguel (1932)

Em “João Miguel”, Rachel aprofunda a dimensão psicológica de seus personagens e constrói um romance de forte conteúdo social.

A narrativa acompanha a história de um homem simples que, sob efeito do álcool, comete um assassinato e acaba preso. A partir desse acontecimento, a autora desenvolve uma rede de personagens e situações marcadas por frustrações, angústias e conflitos sociais, revelando as tensões presentes na vida cotidiana.

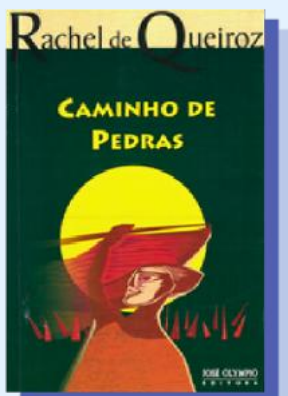


Fonte: Acervo próprio.

CURIOSIDADE

Este romance mostra uma mudança no estilo da autora, com maior foco nos conflitos psicológicos dos personagens¹⁹.

Caminho de Pedras (1937)



Fonte: Acervo próprio.

Neste romance, Rachel de Queiroz aborda questões políticas e sociais relacionadas ao contexto das lutas trabalhistas e da militância política.

A história acompanha Noemi e João Jacques, um casal aparentemente estável. Noemi participa de atividades ligadas ao movimento sindical e acaba se envolvendo com Roberto, um militante vindo do sul do país. A relação provoca uma ruptura em seu casamento e desencadeia uma série de conflitos pessoais e sociais.

Ao decidir seguir seu próprio caminho, Noemi enfrenta o julgamento de uma sociedade conservadora, que condenava a separação e a autonomia feminina.

CURIOSIDADE

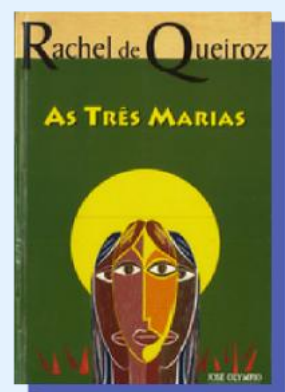
A obra reflete debates políticos intensos da década de 1930 e a participação de Rachel em círculos intelectuais engajados¹⁹.

As Três Marias (1939)

Narrado por Maria Augusta, conhecida como Guta, o romance conta a história da amizade entre três jovens que se conhecem em um colégio interno. Ao longo do tempo, os caminhos das amigas se separam:

- Maria da Glória segue o modelo tradicional e torna-se mãe de família;
- Maria José escolhe uma vida religiosa e dedicada ao ensino;
- Guta, narradora da história, busca viver de forma mais livre e independente.

A obra discute os diferentes destinos possíveis para as mulheres em uma sociedade marcada por expectativas rígidas sobre comportamento, casamento e realização pessoal.

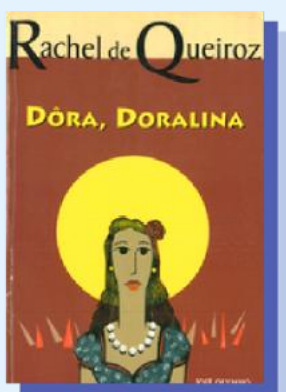


Fonte: Acervo próprio.

CURIOSIDADE

Muitos leitores consideram este romance um dos mais autobiográficos da autora, por retratar a experiência em colégios internos femininos¹⁹.

Dôra, Doralina (1975)



Fonte: Acervo próprio.

Dividido em três partes: Livro da Senhora, Livro da Companhia e Livro do Comandante. O romance narra a trajetória de Maria das Dores, conhecida como Dôra.

A história começa na fazenda onde ela vive, marcada pela morte do pai e pela relação difícil com a mãe. Após um casamento frustrado, agravado pelo envolvimento da própria mãe com seu marido, Dôra decide mudar-se para o Rio de Janeiro.

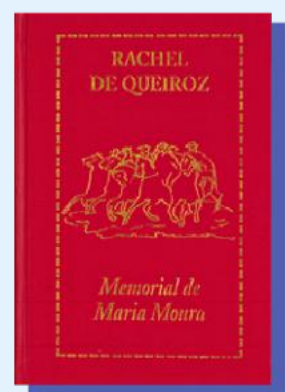
Na cidade, passa a trabalhar como atriz em uma companhia de teatro. Mais tarde, abandona essa vida ao se apaixonar por um por um comandante de navio, relação intensa e complexa que marca profundamente sua trajetória. No final, retorna à fazenda para assumir o lugar deixado pela mãe e reconectar-se com suas origens.

Memorial de Maria Moura (1992)

Um dos romances mais conhecidos da autora, “Memorial de Maria Moura” apresenta uma protagonista forte e complexa.

Após a morte da mãe e os abusos sofridos pelo padrasto, Maria Moura foge de casa e passa a sobreviver no sertão. Ao longo do tempo, forma um grupo de jagunços e constrói sua própria autoridade em meio a um ambiente marcado por violência, conflitos e disputas de poder.

Narrado em múltiplas vozes, o romance também apresenta o ponto de vista de outros personagens, como o Padre José Maria, criando uma narrativa rica e dinâmica que explora sentimentos humanos como amor, ambição, culpa e remorso.

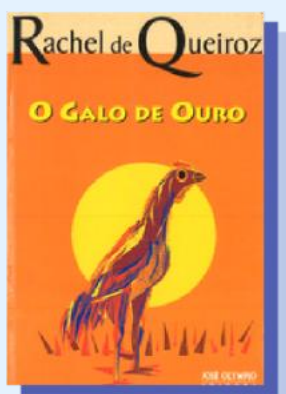


Fonte: Acervo próprio.

CURIOSIDADE

O romance foi adaptado para minissérie de televisão, exibida pela TV Globo em 1994²⁴.

O Galo de Ouro



Fonte: Acervo próprio.

Publicado inicialmente em folhetins na revista O Cruzeiro, o romance conta a história de Mariano, um garçom que enfrenta uma série de tragédias pessoais.

Casado com Percília e pai de uma filha, ele tenta reconstruir a vida após um acidente que provoca a morte da esposa e o deixa com sequelas físicas. Sem poder continuar trabalhando como garçom, Mariano acaba se envolvendo com o jogo do bicho e com os desafios do submundo urbano.

A obra apresenta um retrato do cotidiano popular e das dificuldades enfrentadas por pessoas comuns em busca de sobrevivência.

CURIOSIDADE

A publicação em folhetins retoma uma tradição popular da literatura brasileira, em que histórias eram divulgadas em capítulos em jornais ou revistas¹⁹.

A Casa do Morro Branco

Nesta coletânea de 14 contos, Rachel de Queiroz demonstra sua habilidade em narrativas curtas.

As histórias exploram diferentes aspectos da condição humana, abordando temas sociais, políticos e emocionais com a mesma sensibilidade presente em seus romances.

Um Alpendre, uma Rede, um Açude: 100 Crônicas Escolhidas



Fonte: Acervo próprio.

Nesta seleção de crônicas, Rachel constrói um retrato sensível do Brasil e de seu povo.

Os textos transitam entre memória, reflexão social, observação do cotidiano e comentários sobre costumes brasileiros. Como observou o crítico Carlos Villaça, a crônica na obra de Rachel pode assumir diversas formas: relato pessoal, crítica social, narrativa breve ou reflexão literária.

O Menino Mágico

Voltado ao público infantil, “O Menino Mágico” conta a história de Daniel, um garoto de seis anos que descobre sozinho como fazer mágicas.

A partir dessa descoberta, sua vida ganha novas cores e aventuras, especialmente nas brincadeiras com o primo. Narrada com simplicidade e imaginação, a história revela a capacidade da autora de dialogar também com leitores jovens.



Fonte: Acervo próprio.

CURIOSIDADE

A história nasceu das histórias que Rachel inventava para seus sobrinho-neto, antes de ser publicada em livro^{16, 17}.

O Não Me Deixes: Suas Histórias e Sua Cozinha



Fonte: Acervo próprio.

Nesta obra, Rachel reúne memórias, histórias e receitas, criando um livro que mistura literatura e cultura regional.

A autora revisita lembranças da vida no sertão e apresenta pratos típicos da culinária nordestina, revelando costumes, ingredientes e tradições da região. O livro destaca a relação entre memória, identidade cultural e gastronomia.

CURIOSIDADE

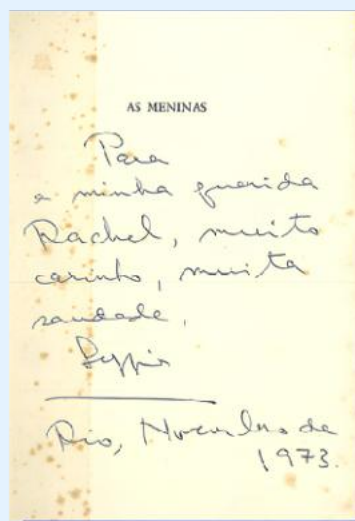
O título faz referência à fazenda Não Me Deixes, propriedade da família de Rachel no Quixadá, muito presente em suas memórias¹⁹.

DEDICATÓRIAS DE GRANDES ESCRITORES PARA RACHEL DE QUEIROZ

Entre os livros que compõem a Coleção Rachel de Queiroz, algumas páginas guardam registros particularmente preciosos: as dedicatórias escritas por grandes nomes da literatura brasileira. Mais do que gestos de cortesia, essas inscrições revelam vínculos de amizade, admiração e diálogo intelectual que marcaram a trajetória de Rachel de Queiroz.

As digitalizações apresentadas a seguir, permite nos aproximar desses gestos íntimos da vida literária, revelando não apenas os livros, mas também as relações que os atravessam.

As meninas, de Lygia Fagundes Telles

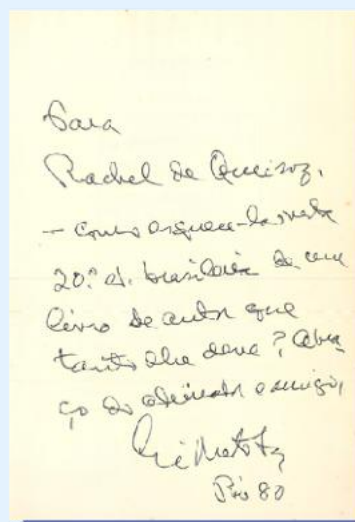
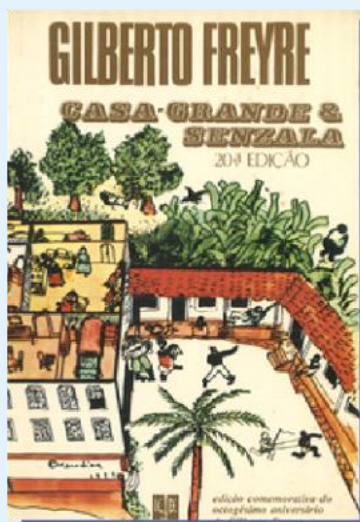


TRANSCRIÇÃO

“Para a minha querida Rachel, muito carinho, muita saudade, Lygia
Rio, novembro de 1973.”

Fonte: Acervo próprio.

Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre

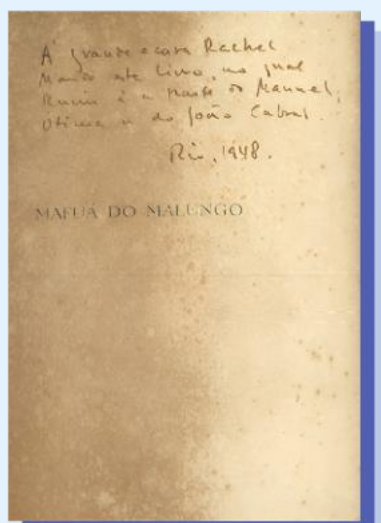
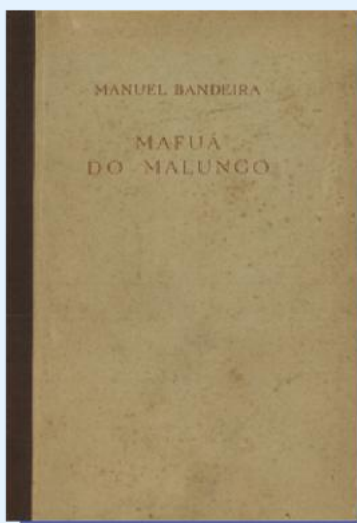


TRANSCRIÇÃO

“Para Rachel de Queiroz, - como esquece-la, nesta 20ª ed. brasileira de um livro do autor que tanto lhe deve? Abraço do admirador e amigo, Gilberto
Rio 80”

Fonte: Acervo próprio.

Mafuá do Malungo, de Manuel Bandeira

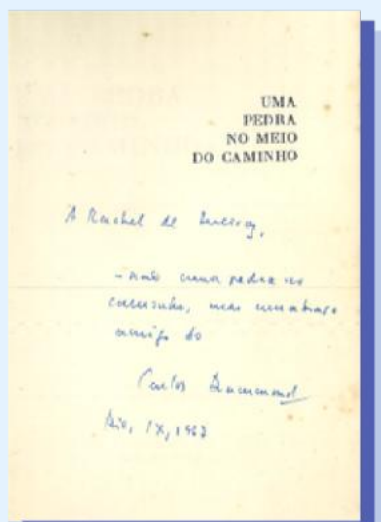


TRANSCRIÇÃO

“À grande e cara Rachel mando este livro no qual, ruim é a parte do Manuel, ótima a do João Cabral Rio, 1948”

Fonte: Acervo próprio.

Uma pedra no meio do caminho, de Carlos Drummond de A.

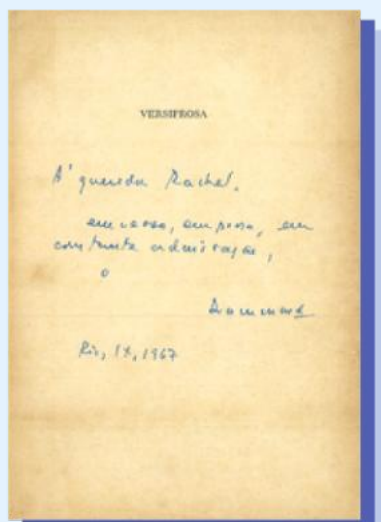
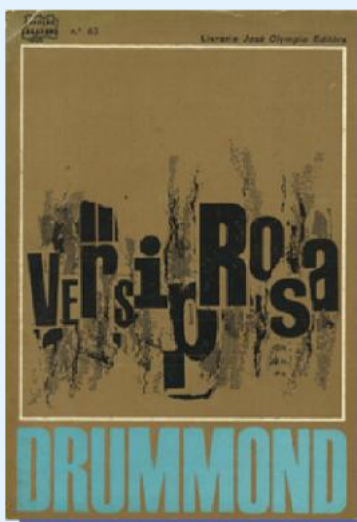


TRANSCRIÇÃO

“À Rachel de Queiroz, não uma pedra no caminho, mas um abraço amigo do Carlos Drummond Rio, IX, 1967”

Fonte: Acervo próprio.

Versiprosa, de Carlos Drummond de Andrade

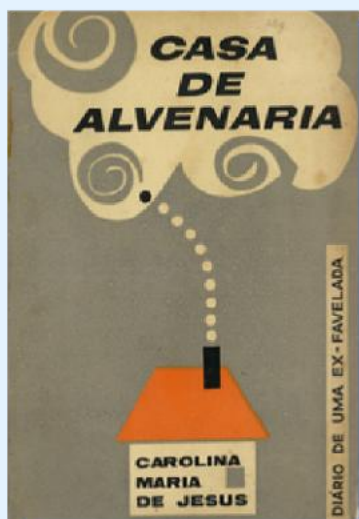


TRANSCRIÇÃO

“À querida Rachel, em verso, em prosa, em construção e desconfiança, Drummond Rio, IX, 1967”

Fonte: Acervo próprio.

Casa de alvenaria, de Carolina Maria de Jesus

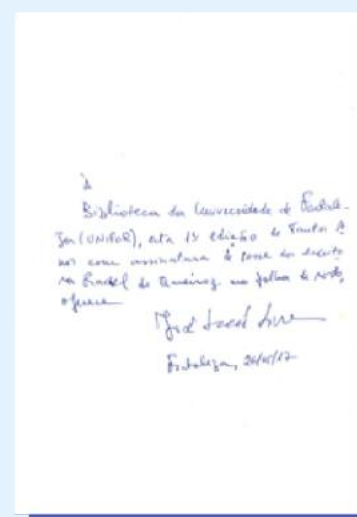
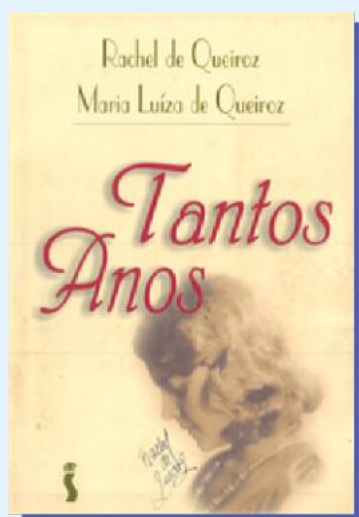


TRANSCRIÇÃO

“Raquel de Queiroz, Desejo-te ... na carreira literária. Carolina Maria de Jesus. São Paulo, 1/12/1961”

Fonte: Acervo próprio.

Tantos anos, de Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz



Fonte: Acervo próprio.

TRANSCRIÇÃO

“À biblioteca da Universidade de Fortaleza (Unifor) esta 1ª edição de Tantos Anos com assinatura de posse a escritora Rachel de Queiroz na folha de rosto, oferece José Luis Lira, Fortaleza 26/05/17”

AS COLEÇÕES DA BIBLIOTECA CENTRAL UNIFOR EM VÍDEO

Documentário em comemoração aos 6 Anos da Cordelteca

ASSISTIR



Médica e Cordelista, Paola Torres, fala sobre a Cordelteca

ASSISTIR



Visita Virtual às Coleções de Literatura da Biblioteca Unifor

ASSISTIR



MENU

REFERÊNCIAS

- 1 DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Literatura de cordel. *In*: Batista, Sebastião Nunes (org). **Antologia da literatura de cordel**. Fortaleza, CE: Fundação José Augusto, 1977. p. 1-22.
- 2 TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do nordeste 1893-1930. São Paulo: Global, 1983.
- 3 PERDIGÃO, Alberto; MARQUES, Rodrigo. As diversas faces do cordel: temáticas II. *In*: NETTO, Raymundo; LIMA, Stélio Torquato (org.). **Literatura de cordel**: patrimônio imaterial brasileiro. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2025. *E-book*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1gxGXeTSMnfyVADWHh_YPxDNcEt2OBQt/view. Acesso em: 21 dez. 2025.
- 4 ABREU, Maria Lílian Martins de. Conversê de palavra e imagem no cordel. *In*: NETTO, Raymundo; LIMA, Stélio Torquato (org.). **Literatura de cordel**: patrimônio imaterial brasileiro. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2025. *E-book*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1hPOxKOe-jtoDfB7RzTsXYDheQMh_DrXO/view. Acesso em: 4 jan. 2026.
- 5 MELO, Rosilene Alves de. Literatura de cordel: conceitos, intelectuais, arquivos. **Projeto História**, São Paulo, v. 65, p. 66-99, 2019. DOI: 10.23925/2176-2767.2019v65p66-99. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/41086>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- 6 FARIAS, Marco Haurélio Fernandes. O galope histórico do cordel. *In*: NETTO, Raymundo; LIMA, Stélio Torquato (org.). **Literatura de cordel**: patrimônio imaterial brasileiro. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2025. *E-book*. Disponível em: Acesso em: <https://drive.google.com/file/d/1ONxiLjqcTJvUNeWPJRamlWXUPRk82yzh/view>. Acesso em: 21 dez. 2025.
- 7 VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. *In*: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL (org.). **O universo do cordel**. Recife: [s.n.], 2008. p. 11-27.
- 8 MENDONÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. Brasília, DF: Thesaurus, 1993.
- 9 CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravura**: doze escritos na madeira. Fortaleza, CE: Museu do Ceará, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/47498/1/2011_liv_fgccarvalho.pdf. *E-book*. Acesso em: 8 fev. 2026.

- 10 FRANKLIN, Jeová. **Xilogravura popular na literatura de cordel**. Brasília, DF: LGE Editora, 2007.
- 11 CARVALHO, Gilmar de. **Memórias da xilogravura**. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2010. *E-book*. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/47536/1/2010_liv_fgccarvalho.pdf. Acesso em: 10 fev. 2026.
- 12 TEM MULHER na xilo: Nena Borges, a mais antiga xilogravurista de Pernambuco. Pernambuco: [s.n.], [202-]. *E-book*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1lx_TDye96-DR_Zh9GU710YO02qbCqxdT/view. Acesso em: 12 fev. 2026.
- 13 SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores**. Recife: Massangana, 1981.
- 14 SANTOS, Francisca Pereira dos. O livro delas: autoria feminina no cordel, cantoria e gravura. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 33, p. 218-230, 2020. DOI: 10.47250/intrell.v33i1.1495. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/download/14951/11252/43316>. Acesso em: 1 jan. 2026.
- 15 SANTOS, Francisca Pereira dos; PAIXÃO, Fernando Augusto Magalhães; SILVA, Fabio Mario da. As vozes plurais no cordel: a representatividade. In: NETTO, Raymundo; LIMA, Stélio Torquato (org.). **Literatura de cordel: patrimônio imaterial brasileiro**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tc7WOAMuCRw-lZjduPkxNWlgdLcv6D47/view>. Acesso em: 26 dez. 2025.
- 16 BIOGRAFIA. **Academia Brasileira de Letras**. [s.l.], [20—?]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- 17 RACHEL de Queiroz. **Academia Cearense de Letras**. Fortaleza, CE, 2026. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/rachel-de-queiroz/>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- 18 XAVIER, Antônio Roberto *et al.* História e literatura das secas: a seca de 1915 a partir do romance “O Quinze”. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.16, n.3, p. 1022-1043, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/download/431/355/552>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- 19 FORTE, Bruna. 110 anos de Rachel de Queiroz: o rumor do mundo vivo da escritora. **O Povo**. Fortaleza, CE, 2020. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/2020/11/13/110-anos-de-rachel-de-queiroz--o-rumor-do-mundo-vivo-da-escritora.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.

- 20 GUERELLUS, Natália de Santanna. **Como um castelo de cartas**: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964). 2015. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, UFF, 2015. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1774.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2026.
- 21 HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Como entender Rachel de Queiroz?**. Brasília, DF: FUNAG, 2023. *E-book*. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/loc_pdf/1248/1/como_entender_rachel_de_queiroz?. Acesso em: 16 abr. 2026.
- 22 FELINTO, Marilene. Rachel de Queiroz ganha homenagem: a um mês de completar 87 anos, "Cadernos de Literatura Brasileira" mostra curiosidades sobre a escritora. **Folha de S. Paulo**. [s.l.], 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq171030.htm>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- 23 Rachel de Queiroz 1910 - 2003. **O Povo**. Fortaleza, CE, 2024. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/colunistas/opovo-e-historia/2024/11/03/rachel-de-queiroz-1910-2003.html>. Acesso em: 16 abr. 2026.
- 24 Memorial de Maria Moura. Produtor executivo: Roberto Farias. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1994. 19 capítulos (545 min).



Unifor

Biblioteca
Central

Detentora de um dos maiores e mais qualificados acervos de universidades particulares do Norte e Nordeste. Com uma área de 5 mil m², o acervo abrange mais de 140 mil títulos, em um total de mais de 272 mil documentos/obras, fornecendo uma ampla gama de recursos nas áreas de Ciências Jurídicas, Tecnológicas, da Saúde, da Comunicação e Gestão, auxiliando na formação dos usuários.



Visitação

Segunda a sexta-feira, das 7h às 21h

Sábados, das 8h às 13h

Acesso gratuito

**Visitas em grupo mediante agendamento.*

Localização

Biblioteca Central Unifor - 1º andar

Av. Washington Soares, 1321 - Edson Queiroz

Mais informações:

 (85) 3477.3167

 sec@unifor.br